

PERCEPÇÕES DE LUCRO SOB A PERSPECTIVA CONTÁBIL E ECONÔMICA: UM LEVANTAMENTO COMPARATIVO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E PROFISSIONAIS FORMADOS

PERCEPTIONS OF INCOME UNDER ACCOUNTING AND ECONOMIC PERSPECTIVE: A COMPARATIVE SURVEY BETWEEN UNIVERSITY STUDENTS AND GRADUATES PROFESSIONALS

Claudio de Souza Miranda¹

Marcelo da Costa Botelho de Moraes²

Carlos Alberto Grespan Bonacim³

Resumo: O trabalho de Kida e Hicks (1982) avaliou a percepção de lucro por estudantes de Ciências Contábeis de Universidades Norte-Americanas a partir de situações práticas, considerando o lucro contábil e outra de lucro econômico. A pesquisa demonstrou que quanto mais avançado no curso, mais as respostas tendiam um perfil contábil. Este trabalho tem como objetivo avaliar a legitimidade destas hipóteses para os dias atuais, avaliando não só estudantes de contabilidade, tendo sua base de pesquisa ampliada para diversas áreas de ensino superior, incluindo profissionais formados. As análises estatísticas efetuadas com as 2.289 respostas obtidas através *websurvey* procuraram avaliar se havia diferenciação da percepção de lucro em função do curso avaliado, e do respondente ser estudante ou profissional, além de trabalhar ou não na área contábil-financeira. Os resultados apontam que estudantes de contabilidade tendem a dar mais respostas com a percepção de lucro contábil do que os profissionais já formados em contabilidade, além disso, houve uma relação inversa na análise das áreas de economia e administração.

Palavras-chave: Lucro Contábil, Lucro Econômico, Mensuração de Valor, Aprendizado.

Abstract: The study by Kida and Hicks (1982) evaluated the perception of profit in accounting students from North American universities from practical situations, taking into account accounting and economic perspectives. The research showed that more advanced students tended to have an accounting profile. This study aims to evaluate the legitimacy of these assumptions to the present day, evaluating not only accounting students, with the original research base expanded to various areas of higher education, including graduates. A websurvey was carried out and 2,289 responses were obtained. The results indicate that accounting students tend to give more responses to the perception of accounting income than professionals already trained in accounting; in addition, there was an inverse analysis of the areas of economics and business administration.

Key-words: Accounting Profit, Economic Profit, Value Measurement, Learning.

¹ Doutor em Controladoria e Contabilidade pela FEA-USP, csmiranda@fearp.usp.br

² Doutor em Economia, Organizações e Gestão do Conhecimento pela EESC-USP, mbotelho@usp.br

³ Doutor em Controladoria e Contabilidade pela FEA-USP, carlosbonacim@usp.br

1 Introdução

A discussão sobre a mensuração do valor dos ativos e do patrimônio, e consequentemente da mensuração do resultado que este patrimônio gerou, vem sendo discutida por diversos pesquisadores, de diferentes áreas do conhecimento, principalmente das Ciências Econômicas e Contábeis. Segundo a visão de pesquisadores da economia, a contabilidade, principalmente a financeira, tem uma perspectiva muito ortodoxa, e seus modelos de apuração não representariam a realidade econômica das organizações.

Os estudos em teoria da contabilidade avançaram em alguns de seus conceitos, principalmente no tocante à mensuração dos ativos, entretanto ainda existem diversas críticas, expondo que o modelo tradicional de contabilidade não reflete a realidade das entidades. Este perfil mais conservador é preso a princípios contábeis, e este é normalmente repassado aos estudantes na maioria das instituições de ensino, principalmente em países onde o governo, por meio das regulamentações tributárias, tem forte influência nas atividades da contabilidade, ou seja, uma formação com *imprinting* normativo.

Por sua vez, o estudo efetuado por Kida e Hicks (1982) com estudantes de contabilidade nos Estados Unidos mostrou que estes estudantes tendiam a ter uma perspectiva de avaliação com maior perfil contábil à medida que recebiam conhecimentos contábeis nas universidades. Mostrando assim que a formação contábil pode levar o profissional a ter uma visão essencialmente contábil em detrimento da visão econômica para efeitos de mensuração de ativos e resultados.

Em função destas perspectivas, este trabalho tem como objetivo desenvolver uma replicação no Brasil do estudo de Kida e Hicks (1982). Ressalta-se que o mesmo tem um enfoque ampliado não avaliando somente estudantes de Ciências Contábeis. Desta forma, o a aplicação foi alterada para avaliar tanto estudantes como profissionais de diversas áreas de conhecimento, possibilitando uma análise complementar ao proposto por Kida e Hicks, e assim, reforçando se o conhecimento contábil, em maior ou menor grau, afeta a percepção de lucro das pessoas.

O trabalho busca ainda verificar se o lapso temporal entre o estudo original e os tempos atuais pode ter levado a uma mudança de perspectiva sobre valor e resultado para um enfoque mais econômico, ou, se manteve a perspectiva observada por Kida e Hicks.

2. Revisão da Literatura

Considerando que o objetivo desta pesquisa não é o de esgotar os aspectos teóricos que envolvam a mensuração de ativos e do resultado sob a ótica contábil e econômica, a revisão da literatura exposta a seguir busca dar uma orientação geral sob os aspectos abordados no questionário aplicado a esta pesquisa, sobretudo na apresentação dos principais conceitos tratados na pesquisa de percepção realizada para a coleta de dados.

Sendo assim, a visão do resultado encontrada pela contabilidade nas organizações pode ter diversos enfoques. Hendriksen e Van Breda (1999) citam entre eles os enfoques fiscal, legal e econômico.

Neste sentido, a contabilidade pode oferecer informações de acordo com o perfil dos usuários da informação. Assim, dizer qual é a informação mais adequada é um assunto que

vem sendo discutido por diversos pesquisadores, principalmente da contabilidade e da economia há muitas décadas. As principais discussões teóricas referem-se às perspectivas de avaliação de ativos e do resultado, que podem ter um enfoque mais contábil ou mais econômico.

Desde a origem do mercantilismo conceitos como riqueza, patrimônio, lucro e controle são estudados. Nesse sentido, também, o termo “lucro” vem sendo discutido em diversos trabalhos. Essencialmente as discussões do conceito de lucro consideram apenas a proposição de Hicks (1946), em que “lucro é a quantia que uma pessoa pode consumir durante um período de tempo e estar tão bem no final do período como estava no início”.

Portanto, Hicks (1946) define o lucro como a quantia que uma pessoa pode consumir ao longo de um período de tempo e estar, ao final deste período, em condições semelhantes às quais se encontrava no início. Nesta mesma linha Chang (1962) define o lucro como sendo a quantia máxima que uma firma pode distribuir como dividendos e ainda esperar estar tão bem no final do período como ela estava no começo.

As discussões sobre a utilidade do conceito de lucro para os usuários das informações contábeis, sobretudo na abordagem contábil tradicional versus econômica, ganharam notoriedade, com o ensaio “Economic and Accounting Concepts of Income” conduzido por Solomons (1961).

O autor afirmou, na ocasião, “os próximos 25 anos subsequentes poderiam ser vistos como o crepúsculo da mensuração do lucro”. O conceito de lucro contábil segundo o autor apresenta lucro como figura de ligação do patrimônio líquido da empresa, assim, requer que somente sejam avaliados os ativos com base em seus custos não expirados. Neste sentido o lucro contábil corresponde ao resíduo do confronto entre a receita realizada e o custo consumido (ativos expirados).

Posteriormente, Moonitz (1962) rebateu as colocações de Solomons criticando fortemente o conceito de lucro econômico de Hicks no qual Solomons se apoiava, porém reconhecendo a importância do conceito de lucro e seu decréscimo em função de causas ambientais (rápidas mudanças tecnológicas, inflação e deflação, aumento do poder da administração interna) e da utilização de critérios contábeis que deveriam ser melhorados – regra para reconhecimento da receita e do lucro, classificação de custos fixos e variáveis, alocação de custos conjuntos, pouca ênfase no demonstrativo de origem e aplicação de recursos, na análise de fluxo de caixa e nos orçamentos.

Assim, Moonitz conclui sua argumentação afirmando: “não estou convicto que um declínio na importância relativa ou absoluta do conceito de lucro seja causa suficiente para o seu declínio ou abandono” (MOONITZ, 1962).

Outros estudos paralelos apresentavam caráter mais técnico e tratavam de questões específicas como a pesquisa de Bomeli (1961) que investigou a premissa de que as etapas “apropriadas para a mensuração da lucratividade não haviam sido universalmente ou cuidadosamente delineadas” e, conseqüentemente, os padrões para a avaliação da eficácia gerencial (processo de tomada de decisões) não estariam disponíveis.

Assim, investidores e credores ficariam confusos à medida que tentam comparar o potencial de lucratividade de várias empresas, como o cálculo do retorno dos proprietários sobre seus investimentos, que se torna um valor arbitrário. O autor afirma ainda, que “os

demonstrativos do lucro nos conteúdos dos livros textos devem conectar balanços patrimoniais sucessivos, ou em outras palavras, que a partida dobrada deve ser refletida nos demonstrativos assim como nos livros [...]”.

Desde então, Johnson e Kaplan (1987) indicam a necessidade de “repensar os conceitos e procedimentos em uso pela contabilidade, e implementar novas soluções conceituais compatíveis com as novas realidades do meio ambiente onde a empresa se situa e que atendam de forma eficaz às necessidades informativas de gestão empresarial, sob novas condições ambientais e operacionais”.

Em uma abordagem gerencial em Ciências Contábeis, Ijiri (1967) e Heymann e Bloom (1990) propõe que o conceito econômico de resultado deveria ser explorado nas decisões, essencialmente aquelas que envolvessem diversas alternativas e, neste caso, “o custo de oportunidade é determinado pelo mais valioso benefício sacrificado”.

Contudo, aplicação de custos de oportunidade na contabilidade financeira ortodoxa tem sido historicamente restrita (HEYMANN e BLOOM, 1990).

Dessa maneira, passados mais que os vinte e cinco anos prognosticados por Solomons, não se verificou nenhuma constatação efetiva de declínio ou abandono do conceito de lucro. O que se pode observar é que, em nível teórico ou doutrinário, não houve avanço significativo na classificação das principais questões conceituais relativas ao tema e que, em nível prático, são utilizados os mesmos princípios e conceitos “objetivos”, porém de relevância extremamente limitada no processo de mensuração do lucro.

Nesse sentido, a Assaf Neto (2003) considera que a empresa deve compreender quais elementos de suas operações têm mais impacto sobre o valor, especialmente, o valor econômico. Esse processo de identificação deve ser repetido periodicamente, pois mudanças no ambiente externo ou interno à empresa podem influenciar a importância de tais direcionadores (COPELAND et al., 2004, p. 103).

Assim, nas empresas existe a necessidade da consolidação de um parâmetro básico de avaliação do valor. Isso, pois, a identificação desses direcionadores é importante para otimizar a alocação de recursos e para a avaliação de desempenho, por meio da detecção de ações ou fatores específicos causadores de novos custos ou de variações na receita (ITTNER e LARCKER, 2001, p. 367).

Os direcionadores de valor são os itens que mais afetam o fluxo de caixa de uma empresa e, portanto, o valor da empresa. Tratam-se (direcionadores) de parâmetros que “fornecem uma estimativa rápida de como uma decisão, estratégica, tática ou operacional afeta o valor de uma empresa” (ALMEIDA, 2000, p. 76).

Portanto, os processos de alinhamento aos planos, até estratégicos, dependem do “conceito”, por parte dos gestores, de lucro. No contexto nacional, discussões desta natureza forma conduzidas por Catelli (1999), que realizou uma condensação de fatores que explicam a diferença entre lucro contábil e econômico, apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Lucro Contábil versus Lucro Econômico

LUCRO CONTÁBIL	LUCRO ECONÔMICO
Maior objetividade.	Maior subjetividade.
Apurado pelo confronto entre receitas realizadas pelas vendas e custos consumidos (ativos expirados).	Apuração pelo incremento no valor presente do patrimônio líquido.
Os ativos são avaliados na base de custos originais.	Os ativos são avaliados pelo valor presente do fluxo de benefícios futuros.
Ênfase em custos.	Ênfase em valores.
Os ganhos são reconhecidos apenas na realização pela venda.	Reconhecimento de ganhos quando identificados nos ativos, com base no mercado.
Não se efetuam ajustes em função de mudanças nos níveis de preços dos bens na economia.	São efetuados ajustes devidos a mudanças nos níveis de preços dos bens na economia.
Vinculação do lucro à condição de distribuição de dividendos.	Vinculação do lucro à condição de aumento da riqueza, independentemente da condição de distribuição de dividendos.
Não reconhecimento do "Goodwill".	Reconhecimento do "Goodwill".
Utilização de regras e de critérios tradicionais.	Utilização de regras e critérios econômicos.

Fonte: Catelli (1999)

É importante ressaltar, que existem críticas a essas duas visões. No que tange a visão contábil, uma das críticas apontadas por Philips (1963) refere-se ao fato de se ter diversos conceitos de lucro, para diferentes propósitos, e isso pode ser observado claramente pela contabilidade no Brasil, que tem que atender a diferentes legislações para apuração de resultado conforme o setor em que está inserida.

As principais críticas, colocadas ao modelo de apuração do resultado econômico estão ligadas à sua subjetividade, e à dificuldade de sua apuração. Em relação à avaliação de ativos, a mesma pode ser feita a partir dos seus valores de entrada ou saída (HORNGREN, 1965). As medidas de entrada representam o volume de dinheiro, ou o valor em alguma forma de compensação, pago quando um ativo (ou seus serviços) ingressa na empresa por meio de uma troca ou conversão (FESS, 1966). Segundo Hendriksen e Van Breda (1999), tal mensuração pode ser feita por meio de: custo histórico, custo histórico corrigido, custo corrente de reposição, ou custo corrente de reposição corrigido.

A análise pelos valores de saída, segundo Hendriksen e Van Breda (1999), representa o volume de caixa, ou o valor de algum outro instrumento de pagamento, recebido quando um ativo ou serviço deixa a empresa por meio de troca ou conversão. Podem ser apresentados da seguinte forma: valores descontados das entradas de caixa futura; preços correntes de venda, equivalentes correntes de caixa, valores de liquidação (MORRIS, 1991). Sendo assim, a investigação sobre a forma de percepção do conceito de lucro, de maneira análoga ao realizado por Kida e Hicks (1982) torna-se relevante, uma vez que o ensino de contabilidade pode ser um fator de modificação nesta percepção, tanto em estudantes quanto em profissionais do mercado.

Dessa forma, a literatura sugere que a simples presença de regras do modelo contábil para mensuração do lucro, fundamentalmente o contábil, reduzem sua capacidade informacional, sobretudo por conta de informações privadas (DECHOW, 1994) e conservadorismo (SANTOS; SILVA, 2001 e MOREIRA et al., 2009).

Na visão contábil, tem-se o lucro como um resíduo da atuação de uma empresa, pois se deduziram da receita de vendas pelos serviços prestados ao mercado todos os insumos necessários (SANTOS, 1999).

Assim, segundo Iudícibus (2006, p. 49) seria competência da contabilidade a sistematização das operações: atribuir parcelas, mesmo que relativamente aproximadas, dos resultados aos períodos. Tais estimativas fundamentam a diferença entre os fluxos de caixa e o resultado, o lucro contábil – *accruals*.

Por sua vez, no mercado de capitais, os dividendos representam uma parte dos lucros que, efetivamente, foram propostos ou pagos aos acionistas e, em muitos casos, representam o único fluxo regular de recursos recebidos pelos investidores (MORGAN, 1982). Tem-se, portanto, a visão de uma parcela de um fluxo regular de recebimentos.

Dessa forma, o procedimento metodológico utilizado, bem como as adaptações sobre o estudo original, é detalhado na metodologia do presente trabalho.

3 Metodologia da pesquisa

A pesquisa desenvolvida é um levantamento (*survey*), que se caracteriza pelo questionamento direto das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Segundo Diehl e Tatim (2004) no levantamento procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de indivíduos acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obter-se as conclusões correspondentes a estes dados.

Segundo Martins e Theóphilo (2007), os levantamentos podem ser empregados com o propósito de identificar relações entre variáveis, que é um dos enfoques deste trabalho. Porém os autores advertem que as inferências causais destes estudos não poderão ser feitas com a mesma certeza das pesquisas experimentais. Ressalta-se que este levantamento é de caráter exploratório, que segundo Forza (2002) se desenvolve quando se tem como objetivo compreender um tema e prover bases para um levantamento mais aprofundado.

3.1 Construção do questionário da pesquisa

O trabalho de Kida e Hicks (1982) procurou avaliar se estudantes de contabilidade tenderiam a ter uma visão “reduzida” de resultado e valor econômico conforme seus conhecimentos contábeis aumentassem. Para tanto, desenvolveram um questionário com dez questões. Tais questões apresentavam como opções de respostas voltadas, ou para uma perspectiva contábil, ou para uma perspectiva econômica.

Na ocasião, o questionário foi aplicado pelos autores em estudantes de todas as séries do curso de Ciências Contábeis de quatro universidades americanas, totalizando uma amostra de 438 questionários. Os resultados encontrados demonstraram claramente um aumento de respostas voltadas para uma perspectiva contábil, conforme se ampliavam os conhecimentos contábeis do estudante.

Um levantamento bibliográfico foi efetuado para localizar possíveis replicações do trabalho, porém nenhum trabalho foi localizado. Encontraram-se apenas discussões teóricas sobre a diferença do resultado econômico e contábil, inclusive com exemplos de aplicações. Também, não foram encontradas pesquisas que avaliassem percepção de resultado,

conforme tratado por Kida e Hicks (1982) tanto por estudantes de contabilidade, quando por estudantes e/ou usuários diversos da informação contábil.

Assim, o enfoque e proposta deste trabalho é replicar o estudo de Kida e Hicks, com alguns ajustes e ampliações, visto que o mesmo foi desenvolvido há 25 anos. Além disso, o estudo foi conduzido no contexto da economia norte-americana. Para tanto, os ajustes foram realizados no questionário, no perfil da amostra e na forma de coleta dos dados, apresentados a seguir. O questionário originalmente desenvolvido por Kida e Hicks possui 10 questões, porém no artigo publicado os autores não publicaram todas as questões. No contato com os autores, estes afirmaram não ter o questionário disponível, visto que o mesmo foi desenvolvido há muito tempo. Em função disso, utilizaram-se as questões disponíveis, que foram adaptadas para a realidade atual, e foram incluídas duas novas questões.

A seguir, são apresentadas as questões ajustadas e, posteriormente, aplicadas:

1 - Em outubro de 2010, a empresa Rapanelo comprou 500 cotas de ações da Benassi S/A por R\$15.000 e não planeja vender estas ações por um ano. Em dois meses o valor das ações subiu e, se a empresa Rapanelo as vendesse, valeriam R\$18.000. Sabendo que nenhuma operação de venda destas ações em 2010 foi efetuada, na sua percepção qual o lucro que a empresa Rapanelo obteve ao fim de 2006.

a) R\$3.000* b) Nenhum c) Não sei responder

2 - A Chaveirinho Comercial é revendedora de eletrodomésticos e comprou em 1 de maio 10 torradeiras por R\$100 cada, totalizando R\$1.000. Ao fim de maio as 10 torradeiras foram vendidas por R\$200 reais cada totalizando uma receita de R\$2.000. Para repor o estoque das 10 torradeiras a Chaveirinho pagará R\$150 por cada uma totalizando R\$1.500. Na sua percepção, qual o lucro da empresa com a venda das torradeiras?

a) R\$1.000 b) R\$500* c) Não sei responder

3 - A Ambiente Móveis comprou uma máquina para ser usada na produção a partir de 01/01/2010 por \$5.000. A máquina tem vida útil de um ano e precisará ser trocada no fim de 2010. No fim de 2010 a máquina custaria \$7.000 para ser resposta. Pressupondo que neste período a empresa teve um lucro de \$20.000, antes de considerar os gastos pelo uso desta máquina. Na sua percepção, qual seria o lucro da empresa após considerar estes gastos?

a) R\$15.000 b) R\$13.000* c) Não sei responder

4 - Em 15 de novembro de 2010 a Comercial Nicotari comprou 500 ações da Murilo S/A por R\$10.000. No fim de dezembro elas valiam R\$12.000. Em função disso a comercial Nicotari resolveu vender metade destas ações por R\$6.000 e manteve consigo a parte que restou. Na sua percepção, qual o lucro que a Comercial Nicotari teve em 2010?

a) R\$2.000* b) R\$1.000 c) Não sei responder

5 - Em novembro de 2010, o senhor Makao abriu um negócio de venda de carros denominado Lumi Veículos. Para isto comprou em novembro 10 carros, cada um por \$5.000 (\$50.000 no total) e mais 20 carros em dezembro por \$6.000 cada (\$120.000 no total). No fim de dezembro, se o senhor Makao quisesse repor carros para seu estoque, teria que pagar R\$7.000 por cada um, o que totalizaria \$210.000 pelos 30 carros em estoque. Sabendo que

estes carros somente serão vendidos no próximo ano, na sua percepção qual o valor do estoque da Lumi Veículos no fim de dezembro?

a) R\$170.000 b) R\$210.000* c) Não sei responder

6 - A Comercial Lapinez fez uma venda a prazo em 01/01/2010 no valor de R\$1.000, sendo que esta será recebida em 2 meses por meio de uma nota promissória. Passado um mês, a inflação do período de janeiro foi de 10%. Em função das informações expostas, na sua percepção qual o valor desta nota promissória para Comercial Lapinez em 01/02/2010?

a) R\$1.000 b) R\$900* c) Não sei responder

7 - A Industrial Parreira & Associados decidiu investir em uma nova máquina cujo custo de aquisição R\$5.000. Esta nova máquina permitirá á empresa produzir durante 5 anos seu novo produto. A empresa calculou que a valores de hoje, a nova máquina gerará nestes 5 anos uma receita (vendas) de R\$20.000 e, para fazer os produtos terá um custo de produção de R\$10.000. Na sua percepção qual o valor desta máquina para empresa?

a) R\$10.000* b) R\$5.000 c) Não sei responder

No trabalho original de Kida e Hicks, dentre as respostas disponíveis, não foi colocada a opção “não sei responder”. Entretanto, como este trabalho procurou observar a percepção de diversas áreas profissionais, muitas delas sem contato direto com a área contábil financeira, optou-se pela colocação desta alternativa para evitar possíveis respostas aleatórias.

Na apresentação do questionário, foi destacada a indicação de que não haveria respostas corretas ou incorretas e sim que a pesquisa buscava a percepção do entrevistado. A percepção, segundo Robbins (2006), pode ser definida como o processo pela qual os indivíduos organizam e interpretam suas impressões sensoriais com a finalidade de dar sentido ao seu ambiente.

Contudo, o que um indivíduo percebe pode ser substancialmente diferente da realidade objetiva. E esta diferença pode ser afetada por uma série de influências pessoais, valores e pelo próprio ambiente. Neste trabalho, alguns fatores de influência foram avaliados para as análises, dentre eles: o tipo de curso que o indivíduo fez ou está fazendo, o fato de ter tido ou não disciplinas de contabilidade durante o curso superior, além do trabalhar ou não com a área contábil financeira.

3.2 Operacionalização da coleta e análise de dados

O levantamento efetuado na pesquisa foi operacionalizado por meio de uma *websurvey*, ou seja, uma pesquisa que é alocada em um *website*. Segundo Dillman (2000) este tipo de coleta de dados facilita a obtenção de um maior número de respondentes, além de reduzir custos de pesquisas tradicionais como: correio, papel, e telefone, bem como evita o dispêndio de tempo no processo de tabulação, além de evitar erros de entrada de dados.

Entretanto, segundo o autor, alguns aspectos importantes devem ser bem avaliados pelo pesquisador, entre eles:

- Avaliar se as questões podem ser respondidas sem que haja a presença de um entrevistador. Isto deve ser avaliado principalmente quando há muitas questões abertas;

- Cuidado para a construção da amostra, como conseguirá respondentes, e se estes estarão no perfil desejado; e
- Análise cuidadosa dos dados recebidos, visto que por não controlar o entrevistado, o mesmo pode não responder com sinceridade.

Em relação à amostra desta pesquisa seu foco foi buscar estudantes de ensino superior de diversas áreas do conhecimento e, também, profissionais já formados de diversas áreas. Para tanto, a amostra foi construída a partir da captação de respondentes com o perfil esperado em redes sociais de lazer e de negócios. A captação foi feita a partir de comunidades selecionadas nestas redes sociais, e este tipo de captação já é observada em alguns trabalhos, como em Miranda (2011) que captou profissionais de controladoria e finanças na rede social de negócios *LinkedIn*.

A partir da seleção dos possíveis respondentes, pelo perfil esperado, foram enviados convites de participação da pesquisa, com um *link* individual para resposta. Dessa forma evita-se que o questionário se espalhe para outros respondentes fora do perfil esperado.

As pesquisas recebidas pelo formulário foram tratadas e depois analisadas, com a utilização do software estatístico SPSS®.

4. Análise e Resultados da Pesquisa

A seguir são apresentados os principais dados levantados pela pesquisa, expondo aspectos das características da amostra levantada, e as análises estatísticas utilizadas para inferir possíveis correlações entre o perfil de formação dos entrevistados e sua percepção de resultado (lucro). Para tanto foram feitas análises descritivas e utilizados testes estatísticos não paramétricos qui-quadrado e análise de conglomerados (*cluster*).

4.1. Descrição da Amostra

A amostra utilizada neste trabalho, após a limpeza dos dados inconsistentes, foi de 2.289 questionários respondidos. A distribuição da população em relação ao sexo e idade segue na Tabela 1. Pela análise da tabela, percebe-se uma distribuição equitativa em termos de sexo, e uma maior concentração de pessoas com idade entre 21 e 40 anos. Em relação à distribuição geográfica, 56% estão na região Sudeste, 16,7% na Sul, 16,2% no Nordeste, 6% na Centro-Oeste e 4,3% na região Norte. Em relação ao fato de desenvolver atividade remunerada, 80,1% afirmaram trabalhar, sendo que 42,5% destes exercem alguma atividade ligada às áreas de finanças e contabilidade.

Tabela 1 – Distribuição gênero *versus* idade

Sexo	Idade						Total
	Até 20 anos	De 21 a 25 anos	De 26 a 30 anos	De 31 a 40 anos	De 41 a 50 anos	Mais de 50 anos	
Feminino	10,9%	31,5%	23,7%	20,9%	9,6%	3,4%	50,9%
Masculino	11,9%	29,4%	24,5%	20,8%	9,2%	4,2%	49,1%
Total	11,4%	30,5%	24,1%	20,8%	9,0%	3,8%	100,0%

A amostra foi composta 39,6% de estudantes e 60,4% de pessoas com curso superior completo. Estes estão distribuídos em mais de 60 tipos de cursos entre bacharelados, licenciaturas e cursos tecnológicos. Para auxiliar nas análises dos questionamentos, os cursos

foram inicialmente agrupados em 14 diferentes categorias, e sua distribuição esta exposta na Tabela 2.

Tabela 2 – composição por categoria de curso e seu status

Categoria do curso	Status		Total	Principais cursos	
	Estudante	Formado			
Ciências Contábeis	26,4%	15,8%	19,9%		
Administração	15,4%	17,1%	16,4%		
Economia	9,0%	5,4%	6,9%		
Direito	5,5%	4,3%	4,8%		
Licenciaturas	11,7%	18,4%	15,7%	Pedagogia	Letras
Saúde	9,9%	12,0%	11,2%	Psicologia	Enfermagem
Engenharias	6,0%	8,2%	7,3%	Civil	Produção
Computação	4,0%	4,6%	4,4%	Sistema Inf.	Eng. Comput.
Sociais ligadas da Adm.	4,1%	4,1%	4,1%	Turismo	Tecnol. Adm.
Ciências da Terra	3,1%	4,0%	3,6%	Agronomia	Veterinária
Comunicação Social	2,6%	3,0%	2,9%	Jornalismo	Publicidade
Outras Sociais	2,0%	2,7%	2,4%	Serv. Social	Biblioteconomia
Artes	0,3%	0,3%	0,3%	Música	Educ. Artística

Outro questionamento efetuado para auxiliar na análise, foi a respeito da existência de disciplinas de contabilidade durante o curso (excluindo os que estavam no grupo da Contabilidade). Entre os já formados, todos os ligados a Administração e Economia disseram ter tido uma ou mais matérias de contabilidade. Em uma categoria intermediária, entre ter ou não ter disciplinas de contabilidade, obtêm-se os cursos tecnológicos ligados à administração, Engenharias, Ciências da Terra e de Computação. Entre algumas das categorias que menos apresentaram a ocorrência de disciplinas de contabilidade foram nas licenciaturas, Comunicação, Direito e Outras Sociais.

Entre os que ainda estudam, questionou-se se os mesmos tiveram ou ainda teriam disciplinas na área de contabilidade e a distribuição do questionamento sobre a existência de disciplinas ligadas à contabilidade foi muito próxima aos resultados encontrados entre os já formados.

Em função das características apontadas da existência de disciplinas de contabilidade, e para facilitar as análises estatísticas, foram criadas cinco novas categorias de curso para análise as análises de diferenciações, sendo estes: 1) Administração; 2) Ciências Contábeis; 3) Ciências Econômicas; 4) Engenharias, Computação, e Outras Sociais Aplicadas (denominada afinidades); e 5) Outras Áreas.

4.2. Análise Estatística dos Dados

As análises apresentadas a seguir avaliam principalmente diferenciações de padrões de respostas, entre percepção contábil e econômica de resultado, pelos seguintes grupos:

- Estudantes e formados;
- Categoria de curso;
- Trabalhar ou não na área contábil-financeira.

Não foram feitas análises no grupo de estudantes em relação ao período em que os mesmos estavam cursando, ou dos tipos de conhecimento contábil recebidos, como no trabalho efetuado por Kida e Hicks. Esta análise não foi realizada em função da diversidade de

categorias de cursos observados e pela dificuldade de se obter informações confiáveis em relação a estes aspectos analisados por Kida e Hicks (1982).

Inicialmente, foram desenvolvidas análises para localizar diferenciações de padrões de respostas entre as categorias de cursos. Sendo também efetuadas análises de cruzamentos de dados (*crosstab*) com os dados encontrados na análise anterior.

Para avaliar a existência de diferenças significantes entre os grupos, foi utilizado o teste não paramétrico Chi-Quadrado (χ^2) com nível de significância de 5%.

Segundo Triola (2008), o teste Chi-Quadrado é muito eficiente para avaliar a associação entre variáveis qualitativas. O princípio básico deste método não paramétrico é comparar as divergências entre as frequências observadas (O) e as esperadas (E). As frequências observadas são obtidas diretamente dos dados das amostras, enquanto as frequências esperadas são calculadas a partir destas.

As análises apontaram que nas questões 4 e 7 os grupos não mostram diferenças significativas de comportamento, quando avaliadas diferenças referentes aos seguintes grupos de análise: estudante ou formado, categoria de curso, e trabalhar ou não na área financeira. Nas outras questões, os testes estatísticos demonstram haver diferenças significativas em todos os grupamentos analisados.

Tabela 3 - Cruzamento dos padrões de respostas das questões com o perfil de área de estudantes e formados

		P1			P2			P3			P4		
		Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei
Estudante	Administração	44,1%	55,9%	2,9%	52,2%	47,8%	3,6%	56,6%	43,4%	6,5%	31,8%	68,2%	4,4%
	Contabilidade	38,5%	61,5%	2,1%	36,0%	64,0%	1,3%	40,0%	60,0%	4,3%	29,3%	70,7%	1,3%
	Economia	50,0%	50,0%	4,9%	50,6%	49,4%	1,2%	41,3%	58,7%	7,4%	39,2%	60,8%	6,3%
	Eng, comp, soc apl	46,6%	53,4%	6,3%	59,8%	40,2%	1,6%	62,6%	37,4%	6,5%	32,2%	67,8%	8,7%
	Outros	47,7%	52,3%	6,0%	62,4%	37,6%	3,5%	61,5%	38,5%	10,4%	40,2%	59,8%	9,2%
	Média	44,7%	55,3%	4,4%	52,3%	47,7%	2,4%	53,2%	46,8%	7,4%	34,7%	65,3%	6,1%
Formado	Administração	39,4%	60,6%	2,1%	44,6%	55,4%	1,3%	50,5%	49,5%	7,4%	34,8%	65,2%	6,1%
	Contabilidade	41,5%	58,5%	2,8%	36,5%	63,5%	3,2%	40,3%	59,7%	6,4%	31,3%	68,7%	3,0%
	Economia	29,7%	70,3%	1,3%	31,5%	68,5%	2,7%	50,7%	49,3%	6,5%	32,9%	67,1%	2,8%
	Eng, comp, soc apl	42,8%	57,2%	7,7%	51,6%	48,4%	3,4%	54,9%	45,1%	5,3%	30,6%	69,4%	5,4%
	outros	45,5%	54,5%	6,3%	65,5%	34,5%	1,4%	66,4%	33,6%	10,4%	37,1%	62,9%	5,6%
	Média	42,5%	57,5%	5,0%	53,2%	46,8%	2,1%	56,7%	43,3%	7,6%	34,4%	65,6%	5,6%
		P5			P6			P7					
		Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei			
Estudante	Administração	48,8%	51,2%	7,3%	53,3%	46,6%	10,9%	16,4%	83,6%	3,60%			
	Contabilidade	25,2%	74,8%	3,0%	35,9%	64,1%	7,2%	11,7%	88,3%	2,90%			
	Economia	44,6%	55,4%	7,5%	54,3%	45,7%	14,6%	26,0%	74,0%	11,00%			
	Eng, comp, soc apl	57,8%	42,2%	12,8%	50,5%	49,5%	19,2%	17,4%	82,6%	8,00%			
	Outros	51,3%	48,7%	15,6%	50,4%	49,6%	21,5%	19,9%	80,1%	14,50%			
	Média	43,7%	56,3%	9,9%	47,0%	53,0%	15,2%	17,2%	82,8%	8,50%			
Formado	Administração	46,6%	53,4%	6,4%	52,4%	47,6%	2,1%	16,8%	83,2%	3,80%			
	Contabilidade	28,2%	71,8%	4,2%	40,1%	59,9%	1,4%	12,9%	87,1%	3,20%			
	Economia	45,8%	54,2%	4,0%	61,4%	38,6%	6,7%	12,7%	87,3%	2,70%			
	Eng, comp, soc apl	52,5%	47,5%	12,1%	53,1%	46,9%	11,2%	16,1%	83,9%	6,00%			
	outros	59,9%	40,1%	14,4%	56,0%	44,0%	13,6%	21,2%	78,8%	10,80%			
	Média	50,1%	49,9%	10,5%	52,4%	47,6%	8,9%	17,7%	82,3%	7,20%			

Tabela 4 - Cruzamento dos padrões de respostas das questões com o fato de trabalhar ou não na área financeira por área de formação

		P1			P2			P3			P4		
		Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei
Trabalha na área contábil financeira	Administração	38,8%	61,2%	0,6%	48,9%	51,1%	1,7%	50,3%	49,7%	5,6%	30,5%	69,5%	1,1%
	Contabilidade	41,4%	58,6%	2,7%	34,7%	65,3%	2,7%	38,8%	61,2%	5,5%	30,5%	69,5%	2,7%
	Economia	40,9%	59,1%	1,5%	32,8%	67,2%	0,0%	40,9%	59,1%	1,5%	40,0%	60,0%	1,5%
	Eng. comp, soc apl	40,3%	59,7%	1,3%	46,7%	53,3%	1,3%	55,4%	44,6%	2,6%	20,3%	79,7%	5,1%
	Outros	44,8%	55,2%	2,8%	61,0%	39,0%	3,7%	70,7%	29,3%	7,5%	43,3%	56,7%	7,6%
	Média	41,1%	58,9%	2,0%	42,7%	57,3%	2,2%	47,8%	52,2%	5,2%	32,0%	68,0%	3,2%
Não trabalha na área contábil financeira	Administração	40,3%	59,7%	2,9%	47,4%	52,6%	1,5%	54,7%	45,3%	7,2%	36,5%	63,5%	6,0%
	Contabilidade	34,3%	65,7%	1,4%	40,0%	60,0%	1,4%	44,8%	55,2%	4,3%	29,6%	70,4%	0,0%
	Economia	39,4%	60,6%	0,0%	31,3%	68,8%	3,0%	51,6%	48,4%	6,1%	40,0%	60,0%	9,1%
	Eng. comp, soc apl	45,2%	54,8%	7,9%	57,7%	42,3%	4,0%	56,3%	43,7%	12,6%	34,2%	65,8%	7,0%
	Outros	47,1%	52,9%	6,3%	66,3%	33,7%	1,5%	64,8%	35,2%	7,8%	37,2%	62,8%	7,6%
	Média	44,6%	55,4%	5,6%	59,2%	40,8%	2,0%	60,0%	40,0%	8,4%	36,0%	64,0%	6,8%
		P5			P6			P7					
		Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei	Econômica	Contábil	Não Sei			
Trabalha na área contábil financeira	Administração	47,6%	52,4%	4,5%	51,5%	48,5%	2,8%	17,2%	82,8%	2,2%			
	Contabilidade	27,2%	72,8%	3,3%	35,1%	64,9%	3,9%	12,1%	87,9%	3,0%			
	Economia	41,5%	58,5%	3,0%	51,6%	48,4%	7,5%	16,1%	83,9%	4,6%			
	Eng. comp, soc apl	60,0%	40,0%	10,3%	42,9%	57,1%	9,1%	17,6%	82,4%	3,9%			
	Outros	51,1%	48,9%	11,3%	52,5%	47,5%	6,6%	18,6%	81,4%	4,7%			
	Média	39,6%	60,4%	5,4%	43,6%	56,4%	4,9%	15,1%	84,9%	3,3%			
Não trabalha na área contábil financeira	Administração	48,4%	51,6%	8,7%	53,9%	46,1%	5,9%	15,4%	84,6%	5,8%			
	Contabilidade	24,6%	75,4%	2,8%	44,8%	55,2%	5,6%	11,6%	88,4%	2,8%			
	Economia	41,9%	58,1%	6,1%	58,6%	41,4%	12,1%	22,6%	77,4%	6,1%			
	Eng. comp, soc apl	51,9%	48,1%	10,0%	55,7%	44,3%	12,9%	16,5%	83,5%	6,5%			
	Outros	58,6%	41,4%	14,0%	56,6%	43,4%	15,9%	20,7%	79,3%	11,1%			
	Média	52,7%	47,3%	11,5%	55,2%	44,8%	13,1%	18,5%	81,5%	8,7%			

* Os percentuais relativos aos padrões de respostas (Econômica e Contábil) está excluído das afirmações de "Não sei responder"

Em relação à questão 4, que trata do reconhecimento de ganhos por valorização de ações, obteve-se um comportamento próximo entre todos os grupos para uma tendência contábil. Entretanto, deve-se ressaltar que a questão 1, que têm o mesmo foco, não teve um comportamento padrão para o enfoque contábil em todas as categorias de curso, como apresentado nas tabelas a seguir.

Na Tabela 3 é realizada uma análise cruzada entre a relação ao padrão de resposta (contábil e econômico) de cada uma das questões e o grupamento entre estudantes e formados, por cada categoria de curso.

Pode-se perceber um comportamento de respostas para uma tendência contábil, principalmente entre estudantes de contabilidade, seguido de uma tendência menor entre estudantes de economia e administração. Entre os grupos de afinidades e de outros, percebe-se uma alternância entre um comportamento de respostas mais contábil e mais econômica. Esta perspectiva pode ser esperada, principalmente, em função da diferença de conhecimento contábil entre os grupos.

A informação mais interessante da Tabela 3 é o fato de que houve uma tendência de respostas com perfil mais econômico entre os estudantes nos grupos de administração, economia e de afinidades, do que entre os formados. E, de maneira geral, foi observado um comportamento inverso em relação ao grupo de contabilidade, que aumentou o padrão de respostas com perspectiva econômica depois de formados.

Esta diferenciação, principalmente entre o grupo de contabilidade, pode ter relação com a experiência de mercado, ou mesmo pelo fato dos respondentes terem uma formação mais avançada.

Ainda em relação à Tabela 3, outro fator de destaque é a análise do comportamento da não capacidade de responder. De maneira geral, esta foi maior nas categorias de estudantes de outras áreas e dos grupos de afinidades e foram menores entre os grupos de administração, economia e contábeis. Entretanto, quando já formados, em todas as categorias ocorreu uma redução geral da incapacidade de respostas, exceto do grupo de contabilidade que na média teve um ligeiro aumento.

Na Tabela 4 faz-se uma análise cruzada entre o padrão de resposta (contábil e econômico) de cada uma das questões e o grupamento entre as pessoas que exercem ou não atividades ligadas à área contábil-financeira, por cada categoria de curso. De maneira geral o que se observou entre os grupos que trabalham na área contábil-financeira, independente da categoria de formação, é uma tendência de padrão de respostas com percepção contábil maior do que aqueles que não trabalham na área.

Outro aspecto em relação à Tabela 4 se apresenta na área de formação contábil, independente de trabalhar ou não na área financeira, em todas as questões houve uma tendência de respostas com visão mais contábil. Ao se analisar os demais grupos percebe-se a existência de inversões de padrão de respostas, entre contábil e econômico, em todas as outras áreas. Também ocorreu uma considerável redução de respostas de incapacidade em responder entre os que trabalham na área contábil-financeira, em relação aos que não trabalham.

As Tabelas 3 e 4 analisaram o comportamento em relação a cada uma das questões. Para uma análise do conjunto, foi criada uma categoria que permitisse avaliar o comportamento médio de cada respondente, obtendo-se uma média de todas as suas respostas, independente do

comportamento médio de cada questão, visto que em algumas questões como a 4 e 7 há uma padronização contábil em todos os grupos analisados. A divisão foi feita em grupos que têm uma visão mais contábil (1.393 pessoas) ou mais econômica (896 pessoas).

As Tabelas 5, 6, e 7 demonstram como estes respondentes estão distribuídos entre os grupos analisados. Na Tabela 5, onde se apresenta o perfil de percepção geral em relação ao fato de ser estudante ou formado, independente do curso, percebe-se uma maior participação de padrão de resposta contábil entre os formados, como avaliado na Tabela 3.

Tabela 5 - Perfil dos respondentes por categoria

Categoria	Perfil Contábil	Perfil Econômico
Estudante	62,9%	37,1%
Formado	59,5%	40,5%

Na Tabela 6 é analisado o padrão de respostas em relação à área de formação, e demonstra uma maior visão contábil principalmente entre os contadores, com redução entre administradores e economistas, e com maior redução entre as áreas de afinidades, Além de um perfil quase econômico na categoria de Outros Cursos.

Tabela 6 - Perfil dos respondentes por categoria de formação

Categoria	Perfil Contábil	Perfil Econômico
Administração	65,2%	34,8%
Contabilidade	77,9%	22,1%
Economia	63,1%	36,9%
Eng., Comp., Soc. Apl.	57,1%	42,9%
Outros	51,9%	48,1%

Na Tabela 7 os dados referem-se somente àqueles que declararam exercer uma atividade de trabalho, diferenciando-os pelo fato de trabalharem ou não na área contábil-financeira. A média do padrão de respostas observada entre os que trabalham na área é ligeiramente mais econômica, do que os que não trabalham nesta área. Foram, também, efetuadas análises estatísticas para *clusters* (agrupamentos). A análise de agrupamentos pode ser feita por meio de dois métodos: hierárquico e não hierárquico. O método não hierárquico, segundo Hair et al. (2005), é mais indicado para grandes agrupamentos. Para esta análise utilizou-se o método não hierárquico *K-means cluster*.

Tabela 7 - Perfil dos respondentes por trabalhar ou não na área contábil-financeira

Trabalha	Perfil Contábil	Perfil Econômico
Sim	68,0%	32,0%
Não	69,6%	30,4%

Nas primeiras análises de *clusters* foram utilizadas as 7 questões, desenvolvendo testes com a formação de 2 a 8 grupamentos. Entretanto, não foram encontrados grupamentos com características marcantes para serem analisadas. Avaliando-se as questões, observou-se que as questões 4 e 7 tinham um padrão de respostas mais voltadas para uma visão contábil como já visto nas análises anteriores. A partir da exclusão das mesmas foi possível uma nova análise que teve melhor resultado com a construção de apenas 2 agrupamentos, visto que com maior número de agrupamentos havia alta dispersão da amostra para efeito de análise.

A análise *K-means* tem como limitação não utilizar para análise respostas com dados faltantes, neste caso, de não conhecimento para responder. Assim, o agrupamento 1 (com perfil de respostas contábeis) tem 839 respostas e o agrupamento 2 (com perfil de respostas econômicas) tem 821 respostas, ficando fora da análise 629 respostas. Na análise descritiva dos dados dos *clusters* 1 e 2 na Tabela 8, é demonstrado que os agrupamentos se concentram com as seguintes características: o perfil contábil do *cluster* 1 é formado principalmente por estudantes, por pessoas que trabalham na área financeira e formação no curso de contabilidade, com proximidade dos cursos de Administração e Economia; o *cluster* 2 de perfil econômico, tem características claramente inversas ao *cluster* 1.

Ressalta-se, portanto, que mesmo com a exclusão das questões 4 e 7, que tiveram respostas com perfil fortemente contábil por todos os grupos, os resultados encontrados na análise de *clusters* apresentou resultados próximos ao observado nas análises efetuadas nas Tabelas 5, 6 e 7 nas quais foram utilizadas todas as questões.

Tabela 8 – Análise de *clusters* dos grupamentos

Situação de formação	Cluster 1	Cluster 2
Estudante	52%	48%
Formado	50%	50%
Trabalha com área financeira	Cluster 1	Cluster 2
Sim	58%	42%
Não	44%	56%
Categoria do curso	Cluster 1	Cluster 2
Administração	53%	47%
Contabilidade	69%	31%
Economia	51%	49%
Eng., Comp., Soc. Apl.	46%	54%
Outros	39%	61%

5 Considerações Finais

Na pesquisa realizada, mesmo sendo de caráter exploratório, encontraram-se dados próximos aos apresentados por Kida e Hicks em 1982. Isto é perceptível, visto que quanto maior foi o conhecimento contábil indicado, maior foi a adoção de respostas com uma perspectiva contábil, não só no curso de Contabilidade, mas também nos cursos de Economia e Administração. Este resultado é ainda mais perceptível quando se observa os alunos de cursos com pouca ou nenhuma relação com a área contábil. Desta forma, o foco de análise proposto neste trabalho, com profissionais e estudantes de outras áreas, ampliado ao estudo original de Kida e Hicks, reforça que o conhecimento contábil favorece a percepção do lucro contábil.

Esta relação também é maior quando se trabalha na área contábil-financeira, independentemente da formação da pessoa. Mas, aparentemente, ela se reduz a partir de perspectivas de respondentes de fora das universidades, talvez pelo exercício de atividades laborais.

Em relação ao aspecto educacional três pontos merecem destaque:

- O primeiro aspecto se refere ao alto grau de resposta com perspectiva contábil entre os profissionais ligados à Economia, sejam eles estudantes ou já formados. Este resultado aponta a necessidade de se avaliar a forma como os conteúdos sobre resultado econômico e contábil têm sido trabalhados nos cursos de Ciências Econômicas.
- O mercado de trabalho parece alterar as percepções de lucro, principalmente nos grupos de Economia e Administração que passam a ter uma perspectiva maior de lucro contábil, e no grupo de Contabilidade que passa a ter uma perspectiva mais econômica.
- O terceiro ponto é referente às Normas Internacionais de Contabilidade, principalmente as IFRS (*International Financial Reporting Standards*), que têm em diversos pontos uma perspectiva de avaliação voltada ao enfoque econômico. Partes destas resoluções já são adotadas por Instituições Financeiras desde 2002 (como a Avaliação de Ativos Financeiros a Valor de Mercado). E com a adoção generalizada por todas as empresas reguladas pela Comissão de Valores Mobiliários e pelo Banco Central, a partir de 2010. Entretanto, estas novas perspectivas ainda não estão na maioria das salas de aulas dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. Assim após sua implantação é preciso verificar se a visão contábil sofrerá mudanças.

Para aprofundar os resultados deste trabalho, em estudos posteriores, fica a sugestão de que sejam feitas análises para verificar como outras variáveis podem influenciar as percepções encontradas neste estudo. Entre alguns destes fatores pode-se destacar: avaliar os estudantes em função do período de sua formação, o tipo de instituição de ensino (pública ou privada), a análise das grades curriculares das instituições dos respondentes, a formação complementar dos já formados, a característica da organização em que se trabalha e da função exercida, e até mesmo aspectos culturais diversos.

Atualizando a previsão de Kida e Hicks, talvez sejam necessários mais 25 anos para que a concepção das normas internacionais de contabilidade, orientadas a princípios, proporcionem mudanças na percepção do lucro, colocando em prática o preceito da “Essência Econômica sobre a Forma Contábil”.

Referências

ALMEIDA, R. J. *Análise da importância dos direcionadores de valor das empresas para diferentes tomadores de decisão no Brasil*. 2000. 165f. Dissertação de Mestrado em Administração, Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ASSAF NETO, A. *Finanças corporativas e valor*. São Paulo: Atlas, 2003.

BOMELLI, E. C. The accountant's functions in determination of net income. *The Accounting Review*, 36 (4): 454-459, 1961.

CATELLI, A. (Coord.). *Controladoria: uma abordagem da gestão econômica – GECON*. São Paulo: Atlas, 1999.

COPELAND, T.; KOLLER, T.; MURRIN, J. *Avaliação de empresas: valuation*. 3. ed. Makron Books: São Paulo, 2004.

- DECHOW, P. M. Accounting earnings and cash flows as measures of firm performance: the role of accounting accruals. *Journal of Accounting and Economics*, v. 18, n. 1, p. 3-42, 1994.
- DIEHL, A.A.; TATIM, D.C. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- DILLMAN, D. A. *Mail and Internet surveys: The tailored design method*. New York: John Wiley & Sons, Inc, 2000.
- FESS, P. E. The Working Capital Concept. *The Accounting Review*, 41 (2): 266-270, 1966.
- FORZA, C. Survey research in operations management: a process-based perspective. *International Journal of Operations and Production Management*, 22 (2): 152-194, 2002.
- HAIR, JR., J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; BLACK, W. *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HENDRIKSEN, E.; VAN BREDÁ, M. F. *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1999.
- HEYMANN, H. G.; BLOOM, R. *Opportunity cost in finance and accounting*. New York: Quorum Books, 1990.
- HORNGREN, C. T. How Should We Interpret the Realization Concept? *The Accounting Review*, 40 (2): 323-333, 1965.
- IUDICÍBUS, S. *Teoria da Contabilidade*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- JOHNSON, H. T.; KAPLAN, R. S. *Relevance lost*. Massachusetts: Harvard Business School Press, 1987.
- HICKS, J. R. *Value and Capital: an inquiry into some fundamental principles of economic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1946.
- ITTNER, C. D.; LARCKER, D. F. Assessing empirical research in managerial accounting: a value-based management perspective. *Journal of Accounting and Economics*, v. 32, p. 349-410, 2001.
- IJIRI, Y. *The fundamentals of accounting measurement*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967.
- KIDA, T. E.; HICKS, D. W. Economic versus accounting income: the impact of education on students concepts. *Journal of Economic Education*, 13 (2): 40-46, 1982.
- MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Atlas, 2007.
- MIRANDA, C. S. *Ensino em contabilidade gerencial: uma análise comparativa de percepções de importância entre docentes e profissionais, utilizando as dimensões de atividades, artefatos e competências*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2011.
- MOONITZ, M. Should we discard the income concept? *The Accounting Review*, 37 (2): 175-180, 1962.
- MOREIRA, R. L.; BISPO, O. N.; ANGOTTI, M.; COLAUTO, R. D. Conservadorismo e a qualidade informacional dos resultados contábeis publicados: um estudo em siderúrgicas brasileiras. In: *Anpcont (3rd) International Accounting Congress*. São Paulo, 2009.

- MORGAN, I. G. Dividends and Capital Asset Prices. *The Journal of Finance*, v. 37, n. 4, p. 1071-1086, 1982.
- MORRIS, R. D. Distributable Profit in Britain Since 1980: a Critical Appraisal, *Abacus*, 27 (1) 15-31, 1991.
- PHILIPS, G. E. The accretion concept of income. *The Accounting Review*, 38 (2): 317-325, 1963.
- ROBBINS, S. P. *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Pearson, 2005
- SANTOS, A. dos. *Demonstração contábil do valor adicionado – DVA – Um instrumento para medição da geração e distribuição de riqueza das empresas*. São Paulo, 1999. Tese (Livre Docência) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.
- SANTOS, A. DOS; SILVA, A. S. Lucro contábil x lucro econômico: a validade do princípio da realização da receita. In: *Asian Pacific Conference on International Accounting Issues*. Rio de Janeiro, RJ, 2001.
- SOLOMONS, D. Economic and accounting concepts of income. *The Accounting Review*, 36 (2): 374-383, 1961.
- TRIOLA, M. F. *Introdução à Estatística*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Claudio de Souza Miranda é Doutor em Ciências Contábeis pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP) e Professor do Departamento de Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FEA-RP/USP) csmiranda@fearp.usp.br Av. dos Bandeirantes, 3900 – FEA-RP, sala 22 B2 – Monte Alegre, 14020-905 – Ribeirão Preto – São Paulo – Brasil.	Marcelo Botelho da Costa Moraes é Doutor em Economia, Organizações e Gestão do Conhecimento pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC/USP) e Professor do Departamento de Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FEA-RP/USP) mbotelho@usp.br Av. dos Bandeirantes, 3900 – FEA-RP, sala 67 A – Monte Alegre, 14020-905 – Ribeirão Preto – São Paulo – Brasil.
Carlos Alberto Grespan Bonacim é Doutor em Ciências Contábeis pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP) e Professor do Departamento de Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FEA-RP/USP) carlosbonacim@usp.br Av. dos Bandeirantes, 3900 – FEA-RP, sala 21 B2 – Monte Alegre, 14020-905 – Ribeirão Preto – São Paulo – Brasil.	